

## O PARAÍSO TERRESTRE

João Ribeiro Júnior

A palavra "paraíso" é persa (*pairi-daeza*) e propriamente significa "jardim de delícias", como o que embelezava o palácio dos reis da Pérsia. Seu uso se estendeu por toda a Europa através da antiga versão da Bíblia (a dos Setenta), na qual se empregou a palavra "paraíso" como tradução do hebraico "jardim do Éden".

Mas existiu realmente o paraíso terrestre da Bíblia? E na afirmativa, onde estava situado?

O conceito de um jardim encantado é universal. A mais antiga referência do mesmo encontra-se na literatura dos sumérios da Mesopotâmia, datando do segundo milênio A.C. Ali está localizado em um lugar chamado Dilmun, que eruditos identificam com a ilha Bahrein, no Golfo Pérsico.

O Gênesis (2,8-16) depois de contar a criação do homem, descreve o lugar em que esse primeiro homem foi colocado pelo Criador: "Iahweh Deus plantou um jardim em Éden, no oriente e aí colocou o homem que modelara. Iahweh Deus fez crescer do solo toda espécie de árvores formosas de ver e boas de comer, e a árvore da vida no meio do jardim, e a árvore do conhecimento do bem e do mal. Um rio saía do Éden para regar o jardim e de lá se dividia para formar quatro braços. O primeiro chama-se Fison, rodeia todo o país de Hévilla, onde há ouro; é puro o ouro desse país no qual se encontra o bdélio e a pedra de ônix. O segundo rio chama-se Geon: rodeia todo o país de Cuch. O terceiro rio se chama Tigre: corre pelo oriente da Assíria. O quarto rio é o Eufrates. Iahweh Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar." (Cf. A Bíblia de Jerusalém).

Vejam se as cartas geográficas podem proporcionar a solução do problema. Qual é, porém, o mapa que acusa o nome do país de Hévilla? Seria uma região da Arábia? E qual o que indica os rios Geon e Fison? O mais que se pode admitir é que sejam nomes obsoletos, sobre os quais se haja desdobrado, com o correr dos séculos, a obliteração e o esquecimento. Resta, portanto, apenas como recurso o campo das conjecturas prováveis acerca de qual será, modernamente, o país e quais os rios a que nos tempos passados pertenceram semelhante denominações.

O Tigre e o Eufrates, a primeira vista, parecem não apresentar problemas, uma vez que conhecemos suas localizações geográficas, mas como conciliar esse conhecimento, quando sabemos que estes rios estão na Mesopotâmia (hoje Iraque) e o Geon “rodeia todo o país de Cuch”, que seria a Etiópia, na África?

Eis o que até hoje constitui uma dificuldade insuperável, de encontro à qual se tem constantemente quebrado a boa vontade dos comentadores, porquanto não há sistema nenhum, dos arquitetados para explicar tal passagem bíblica, nenhum que logre escapar aos reparos de uma crítica conscienciosa, nenhum que deixe de chegar a uma série de conclusões ridículas e absurdas. Os comentadores, descartando o problema, preferem dizer que “não é seguro que esses dois nomes (Fison e Geon) devam ser tomados aqui em seu sentido habitual.”

Alguns exegetas pretendem sair da dificuldade professando a opinião de que o país de Cuch, citado pelo texto hebraico do **Gênesis**, e interpretado como país da Etiópia, não deve ser tomado exclusivamente pela moderna Abissínia, nem por país algum da África, mas correspondente, genericamente, a uma vastíssima região em que se acha compreendida a parte meridional da Arábia. À luz, porém, de uma crítica exigente, este alvitre não resolve ainda a dificuldade do caso.

Outros, prescindindo de discutir a questão da Etiópia, tratam simplesmente de encarar o texto do **Gênesis** 2,10: “Um rio saía do Éden para regar o jardim e de lá se dividia para formar quatro braços”, para colocar o paraíso terrestre nas margens do Shatt-Al-Arab, rio que formado pela união do Tigre e Eufrates, vai lançar suas águas no Golfo Pérsico por duas embocaduras. Assim, os “quatro braços” citados no texto bíblico seriam o Eufrates e o Tigre (ainda hoje assim denominados) com os dois canais, através do qual, o Shatt-Al-Arab desemboca no Golfo Pérsico, e aos quais teriam outrora pertencido as designações bíblicas de Fison e Geon. (É de se notar que o comediógrafo Aristófanes, nos **Os Pássaros**”, 144 e segts, onde ataca as utopias políticas e sociais, menciona “uma cidade paradisíaca junto ao mar vermelho”, ou seja (para os gregos), o Golfo Pérsico).

Outros, ainda, buscam salvar a dificuldade, abandonando o sentido literal das palavras e atribuindo-lhes um valor fictício, isto é, pretendendo que o termo hebraico **nahar** (rio) deve interpretar-se como simplesmente designativo de uma porção de água considerável. Apoiados nesse argumento, encostando-se no princípio de que o curso dos rios e a situação das grandes massas de água devem ter mudado com o decorrer dos séculos, e aceitando como ponto de partida a verossímil hipótese de uma comunicação entre o Mar Cáspio e o Mar Negro, estes pesquisadores não hesitam em localizar os quatro rios bíblicos no Petchora e no Irtisch, no Dwina e no Volga. Segundo esta maneira de ver, corresponderia o Paraíso

Terrestre a uma vasta região abrangida por parte da atual Rússia Européia e parte da Sibéria.

Há os que entendem que o nome do rio Fison é Pison, braço oriental que deixava o Nilo na região do Templo On, onde descrevia uma curva e tornava em direção à Arábia, sendo que onde está o mar Vermelho era o seu antigo leito. Explicam que a palavra **Pison** é composta de **Pi** (casa) e **On**, nome do local onde estava situado um templo egípcio: Heliópolis, uma das primeiras cidades do Egito, centro do culto do maior deus do panteão do Antigo Império: Rá (o Sol).

Outros intérpretes colocam o Paraíso Terrestre, ora nas regiões aquém ou além dos Ganges, na Índia, ora nas regiões inter-tropicais da África Oriental. Há mesmo quem se inclina a localizá-lo na Lemuria. Um vasto continente que durante o período terciário deveria ter existido ocupando o largo espaço onde hoje se alastram, ao sul da Índia, as águas do Oceano desde o arquipélago de Sonda até a Costa Oriental da África. (É possível que a Lemuria, como o continente chamado Mu, tenham existido, uma vez que os terremotos, as inundações e as erupções vulcânicas alteraram várias vezes a superfície da Terra).

Seja como for, há cerca de oitenta hipóteses relativas à localização do Paraíso Terrestre. As duas que mais se aproximam, geograficamente, do relato bíblico são a de Albert Hermann, que pensava encontrá-lo no Hadra Maut árabe, país dos boswellier (árvores do incenso), e a do inglês William Willcox, para quem o Paraíso Terrestre estendia-se a norte da região onde o Tigre e o Eufrates tendem a reunir-se, não muito longe de duas aglomerações de Hit e de Anah, a noroeste de Bagdá.

A verdade é que nunca se saberá exatamente o que o autor da narração bíblica quis indicar ao falar dos quatro rios do Paraíso Terrestre, e assim, jamais iremos localizá-lo.

De qualquer modo, o “Jardim do Éden” não é apenas a meta dos sonhos e das esperanças dos homens, como é também a fonte da fertilidade da terra, sem o qual esta deixaria de existir; pelo menos é o que dizem todas as mitologias.